

9. Ensino de Amenemhat I ao seu filho Senuseret





9.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse





Para além da habitual possibilidade de apelidar este texto de ensinamento/os ou instruções, o *Ensinamento de Amenemhat I ao seu filho Senuseret* é também designado por alguns egiptólogos de *Testamento de Amenemhat*. Pelo número de cópias, este texto é mais um que parece ter gozado da preferência dos professores das escolas de escribas do Império Novo, da XVIII à XX dinastia, sobretudo nas comunidades de Deir el-Medina, do Ramesseum, onde terão existido escolas de escribas ligadas ao trabalho dos artesão que decoraram os hipogeus das XIX e XX dinastias, do Vale dos Reis e do Vale das Rainhas¹.

O texto chegou até nós em quatro papiros, três tabuinhas de madeira, um rolo de couro e um número bastante elevado de óstracos, que inicialmente Maspero dizia serem 23, Helck aumentou para 56 e Vernus diz que, actualmente, são bastantes mais, enumerando aqueles que considerou mais significativos e os respectivos locais de acesso a tais fontes². Os papiros são o *Papiro Millingen*, de meados da XVIII dinastia, o *Papiro Sallier I* (BM EA 10185), dos finais da XIX dinastia, o *Papiro Sallier II* (BM EA 10182), dos finais da XIX dinastia, e o *Papiro Berlim 3019*³, igualmente dos finais da XIX dinastia⁴. As tabuinhas são a tabuinha *Brooklyn I* e a tabuinha *Brooklyn II*, ambas do princípio da XVIII dinastia, e a tabuinha *Carnarvon 5*, do meio da XVIII dinastia, e o rolo de couro tem a referência *Louvre 4920*. Os óstracos são uns da época de Hatchepsut (óstraco *Senmut 142*, óstraco *Senmut 143*, óstraco *Senmut 144*, óstraco *Senmut 145*) e a maioria dos restantes são ramséssidas com designações e, obviamente, propriedade, diversas (BM, Ramesseum, Deir el-Medina, Cairo, Licht, Michailides, Petrie, Gardiner, Leipzig, Malinine, Toronto, Moscovo e Bruxelas)⁵.

Estas fontes com diversas proveniências, a maioria em escrita hierática mas alguns em escrita demótica, foram estudados por diferentes egiptólogos: Maspero, Griffith, Gardiner, Hayes, Spiegelberg, Posener, Daressy, Goedicke, Wente, Černy, Malinine e Lurie⁶. Todas as

¹ S. G. QUIRKE, «Archive», em A. Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian Literature*, p. 393.

² M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhât I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, pp. I e VII-IX; W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, pp. 1-6; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, pp. 169-170.

³ Esta parece ser a referência mais recente, mas anteriormente, segundo Maspero, parece ter sido designado por *Papiro de Berlim 3010* (M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhât I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, p. I; W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, p. 1).

⁴ Helck ainda informa da existência de alguns «fragmentos de papiro» não publicados que Gardiner terá referenciado num artigo do nº 21 da revista *JEA* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, p. 1).

⁵ W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, pp. 1-5; para outras referências posteriores ver P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, p. 169 nota 4.

⁶ W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, pp. 1-5.



fontes que Helck apresenta aparecem devidamente relacionadas entre si, integrando-se no seu próprio lugar no respectivo texto⁷.

Como para este texto apenas tivemos acesso a imagens de três dos papiros, para os restantes documentos servir-nos-emos das descrições feitas por Maspero⁸. Seguiremos, preferencialmente, o *Papiro Sallier II*, a única fonte que conservou o texto na íntegra. Deve o seu nome ao seu proprietário François Sallier (1764-1831), oficial e coleccionador francês, que na sua colecção de antiguidades tinha cinco papiros egípcios (*Sallier I-IV* e um papiro demótico), que foram estudados por Champollion, e que em 1839 foram adquiridos pelo Museu Britânico (*EA 10181-2, EA 10182-3, EA 10183-4, EA 10184-5* e o papiro demótico *19226*)⁹. Neste papiro, o texto em estudo ocupa as três primeiras páginas, num total de 28 linhas, dez em cada uma das duas primeiras páginas e oito na terceira, numeradas do seguinte modo: página 1 de 1 a 10, página 2 de 1 a 10 e página 3 de 1 a 8). Há mais dois textos neste papiro: Hino ao Nilo e Ensino de Kheti. Conforme ficou registado no Hino ao Nilo, é um papiro que foi escrito na escola do Ramesseum, cerca de 1200 a. C., no ano 1 de Seti II, sexto rei da XIX dinastia, neto de Ramsés II, no dia 20 de Méchir, o 2º mês do Inverno, e que tem a particularidade de ser assinado pelo escriba Ininana, que dedicou o seu trabalho «ao *ka* dos favoritos, maravilhosamente bons», os escribas do tesouro Kagabuat e Hori. É um texto que apresenta provas de revisão nas margens superiores das páginas, onde aparecem as formas correctas de diversos caracteres ou conjuntos de caracteres.

O texto está dividido em estâncias, que se iniciam grafadas a encarnado, e em que os *cola* correspondentes aos versos estão separados por pontos encarnados. Contudo, a tinta encarnada nem sempre foi utilizada com rigor pelo escriba, nem alvo de qualquer reparo escrito por parte do escriba corrector, havendo frases que iniciam estrofes e pontos que se encontram a negro. Há também algumas palavras que foram esquecidas inicialmente e acabaram por ser integradas no texto *a posteriori* entre linhas, sobre o local onde deveriam estar inicialmente.

O *Papiro Millingen* é outra «fonte» que apresenta uma versão quase integral do texto. Deve o seu nome ao cirurgião e escavador britânico, de ascendência alemã, Julius Michael Millingen (1800-1878)¹⁰, que se fixou em Constantinopla, tendo sido médico de cinco sultões

⁷ W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, p. 6.

⁸ M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhaît I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, pp. I-X.

⁹ R. W. DAWSON; E. P. UPHILL; M. L. BIERBRIER, *Who Was Who in Egyptology*, p. 370.

¹⁰ R. W. DAWSON; E. P. UPHILL; M. L. BIERBRIER, *Who Was Who in Egyptology*, p. 288.



e se dedicou a fazer algumas escavações arqueológicas, tendo descoberto as ruínas romanas de Aezani e escavado o templo de Júpiter Urius no Bósforo. Tê-lo-á adquirido na primeira metade do século XIX, porque em 1844 apresentou-o ao italiano Amadeo Angelo Maria Peyron (1785-1870)¹¹, professor de copta e grego na Universidade de Turim. Resolveu este erudito fazer uma cópia cursiva do papiro, que ofereceu ao egiptólogo e filólogo francês visconde Emmanuel Charles Olivier Camille de Rougé (1811-1872)¹² em 1850. Vinte e quatro anos depois, em 1874, é um filho deste, o visconde Jacques de Rougé, que empresta essa cópia a Maspero para o traduzir. Quando Millingen vendeu a sua coleção ao Museu Britânico, em 1847, o papiro não se encontrava entre os seus objectos, e até hoje desconhece-se o seu paradeiro, não se sabendo qual o destino que Millingen lhe reservou. Deste modo, a única forma de se ter conhecimento do que constava no *Papiro Millingen* é pela cópia feita por Amadeo Peyron. Apesar deste contratempo, e porque há outras cópias do texto através das quais se podem fazer comparações e porque todo este processo decorreu entre pessoas da máxima confiança da comunidade egiptológica, continuamos a considerar esta cópia como o *Papiro Millingen*.

É uma cópia muito nítida que, obviamente, não transmite completamente a forma da escrita antiga, mas conserva bastante bem o seu carácter geral de forma a podermos imaginar o que estava no manuscrito perdido. Cobriria na origem três páginas inteiras, de doze linhas cada, estando as duas primeiras praticamente intactas, mas a terceira apenas apresenta o primeiro quarto de todas as linhas. Qualquer descrição que se faça do *Papiro Millingen* será sempre suspeita, uma vez que o que temos é uma cópia moderna e não o original, não sabendo a quem atribuir as suas virtudes e os seus defeitos: se ao autor antigo se ao copista moderno. Por exemplo: Maspero diz-nos que «a escrita é miúda, mas firme e clara, e os caracteres são regularmente bastante espaçados praticamente em todo o documento»¹³. A quem se deve isto? A Ininana ou a Peyron? Ele próprio não deixou de o pensar: «os pontos encarnados e a rubricas estão no seu lugar natural, o que me faz pensar, se nos lugares onde os pontos faltam ou estão mal situados ... a falta não é do copista moderno de preferência ao livreiro antigo»¹⁴. Não há palavras esquecidas e colocadas *a posteriori* como no *Papiro Sallier II*, tal como não

¹¹ R. W. DAWSON; E. P. UPHILL; M. L. BIERBRIER, *Who Was Who in Egyptology*, pp. 332-333.

¹² R. W. DAWSON; E. P. UPHILL; M. L. BIERBRIER, *Who Was Who in Egyptology*, pp. 365-366.

¹³ M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhât I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, p. V.

¹⁴ M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhât I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, p. V.



há qualquer tipo de correcção. Certos erros que aparecem no *Papiro Sallier II* e noutros manuscritos, não aparecem neste papiro; uma escrita irrepreensível ou uma correcção posterior? Quanto muito, se atendermos a determinadas características (à organização gramatical, ao vocabulário, aos caracteres empregues...), poderemos comparar este papiro com outros e estimar uma data aproximada, ou época, para a sua execução. Maspero compara-o com o «Príncipe Predestinado» e atribui a sua realização aos últimos reinados da XIX dinastia ou primeiros da XX dinastia.

O *Papiro Sallier I* apresenta as primeiras cinco estrofes completas e acaba a meio da quinta, num conjunto de oito linhas. Em relação ao *Papiro Sallier II* as divergências são mínimas e apenas em ligeiras variantes ortográficas, o que leva a pensar que foram ambos copiados do mesmo exemplar. Apresenta uma escrita rápida, bonita e bem legível. Tanto quanto é possível deduzir, parece que o *Papiro Sallier I* é alguns anos anterior ao *Papiro Sallier II*. Não é por causa deste exercício interrompido, aparentemente uma cópia que estava a ser feita para deleite do executante, que este papiro é importante. Ele tem o único relato da Disputa de Sekenenré e Apopi, que tem como cenário a luta do faraó da XVII dinastia Sekenenré Taá II¹⁵ contra o rei hicsu Apopi I, ou melhor, a provocação que este rei fez ao faraó, um texto assinado por um escriba chamado Pentauer. Também este texto não chegou ao fim, pois o seu autor teve que fixar a sua atenção numa série de cartas de um tal Ameneminet, datadas do ano X de um faraó, que não é explicitamente nomeado mas que, segundo Maspero, o contexto permite identificar como sendo Merenptah, décimo terceiro filho de Ramsés II, pai de Seti II e quarto faraó da XIX dinastia¹⁶.

¹⁵ Apopi I queixava-se a Sekenenré que não conseguia dormir em Auaris com o barulho que os hipopótamos faziam em Tebas, a 800 quilómetros. A forma como esta provocação foi encarada não chegou até nós (P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 95-96).

¹⁶ Refira-se que entre Merenptah e Seti II, respectivamente pai e filho, e quarto e sexto faraós da XIX dinastia, subiu ao trono do Egipto um desconhecido: Amenmesés. Aparentemente terá sido um usurpador que ocupou o trono por quatro ou cinco anos, aproveitando a ausência do legítimo herdeiro, o príncipe Seti, futuro Seti II, no momento da morte de Merenptah. Para uns, como Clayton, seria um irmão de Seti II, filho de uma rainha menor de nome Takhat, para outros, como Hornung, seria Messui, o vice-rei da Núbia, membro da casa real por ser filho de Takhait, uma das numerosas filhas de Ramsés II, que se instalou em Tebas com o nome de Amenmesés. A inexistência de inscrições com o seu nome deve-se ao facto de o seu sucessor, o herdeiro legítimo Seti II, o ter considerado um usurpador e ter mandado martelar e apagar todas as referências à sua existência. Inclusive no seu túmulo inacabado do Vale dos Reis, o KV 10, localizado entre KV 11 e KV 16, respectivamente de Ramsés III e de Ramsés I, e em frente a KV 9 e KV 62, o primeiro de Ramsés V e de Ramsés VI e o segundo de Tutankhamon. Diga-se que as múmias de KV 9 foram encontradas em 1898 por Victor Loret em KV 35, túmulo de Amen-hotep II, que serviu de esconderijo a várias múmias durante o Terceiro Período Intermediário, a saber: Tutmés IV, Amen-hotep III, Merenptah, Seti II, Siptah, Ramsés IV, Ramsés V, Ramsés VI, três mulheres não identificadas, um príncipe não identificado e um homem não identificado. A identificação dos homens e mulheres desconhecidos tem gerado de tempos a tempos acasas discussões, a última das



Sobre o *Papiro Berlim 3019* apenas temos a informação, vinculada por Maspero, de que Griffith e Erman, que o estudaram na última década do século XIX, pensaram que ele era «sensivelmente da mesma idade que os *Papiros Sallier I e II* e que o *Papiro Millingen*»¹⁷. Comparando-o na obra de Maspero com o *Papiro Sallier II*, confirmamos que o fragmento de texto que se conservou vai do meio da sétima linha da primeira página ao primeiro terço da oitava linha da segunda página e com muitas lacunas nas extremidades das linhas¹⁸.

Das tabuinhas destacamos a tabuinha *Carnarvon 5*, descoberta no princípio de 1913 por Lord Carnarvon e Howard Carter em Dra Abu el-Naga, a elevação à direita do longo caminho que nos conduz ao templo de Deir el-Bahari¹⁹. Como as outras, é uma tabuinha escolar, coberta nas duas faces de uma fina camada de gesso branco, com cerca de dezoito centímetros de comprimento por doze de largura. As formigas brancas da região devoraram parte da madeira, tornando periclitante a cobertura de gesso, que se fragmentou em numerosos pedaços. O cuidadoso trabalho de recolha de Carter, perto de duas dúzias de fragmentos, por vezes um simples carácter num pedaço de gesso, permitiu reconstitui-la em parte, mas não na totalidade. O estudo desses vestígios deu para concluir que teria de um dos lados oito ou nove linhas de caracteres grandes e espaçados, tendo do outro lado dez ou onze linhas mais apertadas, de caracteres menores e menos espaçados. A apresentação que Maspero faz dela tem por base exactamente a transcrição fac-similada de Howard Carter, embora Maspero a tenha confrontado com os fragmentos originais que se conservam no Museu Egípcio do Cairo²⁰. O texto transcrito começa no *recto* no segundo quarto da sétima linha da primeira página do *Papiro Sallier II*, e acaba no *verso* na linha seis da segunda página do mesmo papiro. Os *cola* estariam separados por pontos encarnados, tendo subsistido alguns, mas não há qualquer rubrica encarnada em toda a tabuinha. A única frase a encarnado é uma frase que parece ser a data da sua cópia, mas que é ilegível. A sua leitura permitiu perceber que é um texto mais próximo do *Papiro Millingen* do que do *Papiro Sallier II*, pois não tem os erros e o exagero de determina-

quais em Junho de 2003, quando a egiptóloga britânica Joann Fletcher identificou, aparentemente erradamente, uma das múmias femininas com Nefertiti (M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhât I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, p. IV; N. REEVES e H. WILKINSON, *The Complete Valley of the Kings*, pp. 10-11, 150-151 e 198-199; P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, p. 158; L. M. ARAÚJO, «Amenmesés», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 61).

¹⁷ M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhât I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, p. VI.

¹⁸ M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhât I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, p. VI.

¹⁹ N. REEVES e H. WILKINSON, *The Complete Valley of the Kings*, pp. 16 e 18-19.

²⁰ M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhât I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, pp. 33-34.



tivos supérfluos que surgem no último.

Os óstracos são de valor diferenciado, pois há alguns que apenas têm algumas palavras e outros que chegam a ter duas e três linhas. Saliente-se que os que são originários do Ramesseum, descobertos por Quibell, provêm do local de funcionamento do ateliê onde foram escritos os *Papiros Sallier I e II*. O local onde foram encontrados era, provavelmente, onde se situava a escola dos jovens aprendizes de escriba do templo. Maspero acreditava que a maior parte deles fossem ensaios de cálamo ou, atendendo às datas que aparecem em alguns, podiam mesmo ser uma espécie de «trabalhos de casa» dos estudantes²¹. A maior parte deles são do reinado de Seti II ou dos faraós anteriores ou posteriores a si, portanto da XIX dinastia.

O *Ensinamento de Amenemhat I ao seu filho Senuseret* é, no entanto, um texto muito mais antigo do que estas versões que nos chegaram. A opinião generalizada e aceite por todos hoje em dia é que o original terá sido congeminado nos primeiros tempos da XII dinastia e composto pelo mesmo sábio Kheti, que a tradição ramsésida considerou o «primeiro» escritor clássico²², que criou o texto a que chamamos *Ensinamento de Kheti* neste mesmo estudo. Embora o presente ensinamento seja posto na boca de Amenemhat I, dirigindo-se ao seu filho e sucessor Senuseret I, não há qualquer dúvida de que o fundador da XII dinastia já tinha morrido, porquanto na terceira linha do texto, após o seu nome, aparece a fórmula utilizada apenas para reis já falecidos: «justo de voz» ou «justificado». A meio do poema, Amenemhat I descreve o seu próprio assassinato, com o qual tomámos contacto na *História de Sinuhe*, implicando mesmo na conspiração da sua morte os seus mais próximos servidores, provavelmente do harém real, uma vez que Sinuhe era um servidor do harém real onde, aparentemente, tudo se teria passado, podendo ter chegado à própria família do seu vizir, que Parkinson nos diz ter-se chamado Intefiker²³. Muitos pensam que poderá ter sido o próprio Senuseret I que encomendou este ensinamento a Kheti, como propaganda que o legitimasse aos olhos dos súbditos que o contestavam, sendo por isso muito provável que o autor real da obra tenha vivido muito próximo da época, ou tenha mesmo sido parcialmente contemporâneo, de Amenemhat I. Sabendo-se no próprio texto que o faraó estava morto, o facto dele surgir a falar com o seu filho é entendido como uma aparição em sonho.

Segundo alguns egiptólogos, historicamente terá havido uma co-regência de cerca de

²¹ M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhât I^{er} à son fils Sanouasrît I^{er}*, p. VII.

²² P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, p. 162.

²³ R. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 203.



dez anos entre Amenemhat I e o seu filho Senuseret I²⁴, uma nova instituição que então começava.

Sinopse. Depois de se apresentar como rei morto do Egípto, Amenemhat I declara o seu filho Senuseret senhor universal do Egípto, dando lugar assim ao rei Senuseret I. Igualando-se a ele, dá-lhe conselhos para que a sua governação seja eficaz e tranquila. Aconselha-lhe prudência nos seus relacionamentos para poder dormir com tranquilidade, evitando dar demasiada confiança aos que vivem mais próximo de si. Expondo os seus actos e elogiando a sua actuação para tornar o Egípto grande e pacífico, relata a forma como foi morto num momento em que Senuseret estava longe. Depois de afirmar que viajará da melhor maneira possível no Além, partindo de uma maravilhosa morada tumular, diz ficar vigilante em relação não só à actuação do filho mas também em relação à dos que o rodeiam. Acaba legitimando a transição do poder para Senuseret, dando a entender que poderá ter havido mesmo uma co-regência, e indica-lhe que deve terminar o que ele iniciara.

²⁴ Sobre a questão da existência ou não da co-regência entre faraós, ver P. MALHEIRO, «Co-regência», em *Dicionário do Antigo Egípto*, pp. 236-238.



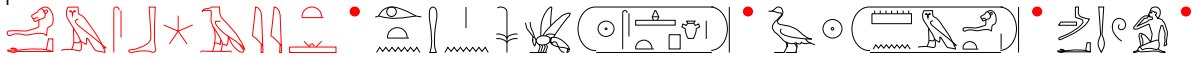


9.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada





1,1
T



h3t-^c m sb3yt irt.n hm n nsw-bit shtp-ib-r^c s3 r^c imn-m-h3t m3^c-hrw

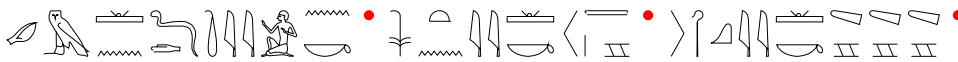
Princípio do ensinamento feito pela majestade do rei do Alto e do Baixo Egito Sehetepibré, o filho de Ré, Amenemhat, justo de voz.

1,2
T



dd.f m wpt m3^t n s3.f nb-r-dr dd.f h^c m ntr

Ele fala revelando a verdade ao seu filho, o senhor do universo. Ele diz aparecendo como um deus¹:



sdm n dd.ti.i n.k nsy.k t3 hk3y.k idbw

«Ouve o que eu te vou dizer e quando tu reinares no país, quando tu governares os Bancos de Areia²,



irr.k wi m h3w hr nfrw s3kw tw r smdt r.f tmt hprw

poderás tu agir (segundo) eu com excesso em perfeição. **Sê prudente em relação aos dependentes** que não se manifestam:



tmmt rdiw ib m-s3 hrw hr st m tkn im.sn m w^ciw.n.k

a totalidade dos homens põe o seu coração às costas sobre o seu medo³. Não te aproximes deles sozinho.



m mh-ib.k m sn m rh hnms m shprw n.k kw nn km n iry

Não confies num irmão. Não reconheças amigos⁴. Não cries intimidades porque elas não totalizam uma garantia de posição.



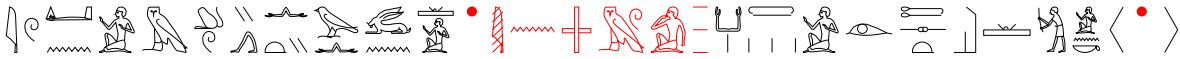
sdr.k s3w n.k ib.k ds.k hr-nty nn wnn mrw n s hrw n ksnt.k

Tu deves dormir com o teu próprio coração a guardar-te⁵, por que para um homem não há servidores no dia do seu infortúnio⁶.



iw di.n.i n sw3w shpr.n[i m] snmh{.n.i}

Eu dei (esmola) ao pobre e dei existência (social) ao órfão⁷;



di.n.i m pḥwy iwty wn in wnmw k3w.i iri tst{.n.k}

eu fiz com que aquele que não tinha fim existisse⁸. **Aquele que comeu** os meus alimentos fez uma acusação;



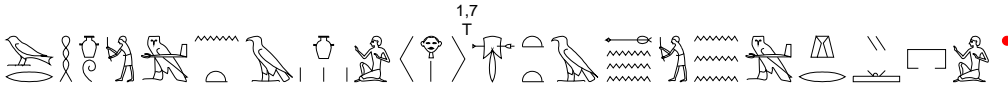
rdi.n.i n.f ʿwy.fy ḥr shpr ḥr ḥr {st} [im]

aquele a quem eu estendi os meus braços criou medo relativamente a isso⁹;



wnḥw pr.i m p3kt.i ḥr m33 n.i mi šwyw

aqueles que em minha casa se vestiam com o meu linho fino¹⁰ olharam para mim como para um vegetal¹¹,



wrḥw ʿntyw.i ḥr stiw mw mhry.i

aqueles que se ungiam com a minha mirra derramaram água [no] meu celeiro.



snnw.i ʿnhw m psš[i] m rmt

Minhas imagens vivas, minhas partes entre os homens¹²,



iw irw n.i k3mdt m iwty n bw sdm.n.tw.f

façam-me um canto fúnebre como o que em nenhum lugar foi ouvido.



iw bw-ʿ3 n ʿh3 n m33.n.tw.f is tw ʿh3.tw ḥr mtwn smḥ sf

A grandeza¹³ do combate (ainda) não foi vista. Na verdade, quando alguém combate numa arena e esquece o ontem,



nn km n bw-nfr n ḥm rh.f r-s3 msyt pw ḥ3yw ḥprw

a bondade não será vantajosa para aquele que ignora o que devia saber¹⁴.

Depois do jantar, (já) a noite tinha chegado,



šsp.n.i m wnwt nty nfr-ib sdr.kwi hr hnkyt.i b3gi.n.i

eu tomei um momento de tranquilidade, eu estendi-me na minha cama (porque) estava cansado¹⁵



š3c.n.i h3ty.i hr šms kd.i ist sphrw h3w r nd r-hr.i

e o meu coração¹⁶ seguiu o meu sono. Foi então que armas da minha protecção foram brandidas contra mim



iri.kwi mi syn-t3 n smt nhsi[n].i r h3w iw.i n h3w.i

e eu fiz como a cobra do deserto¹⁷. **Eu despertei¹⁸ para o combate estando no meu corpo**



gmi.n.i hwny-r-hr pw n m3wnf

e encontrei um combate da guarnição.



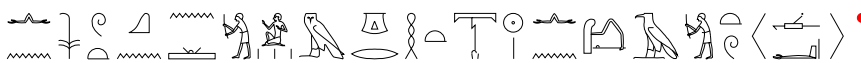
ir šsp.n.i 3s[i].i h3w m drt.f

Se eu tivesse agarrado rapidamente nas armas que tinham na sua mão,



iw di.n.i {n} hti {n} hmw m-3 b3b3{.tw}

eu teria feito recuar os cobardes em pânico¹⁹.



nn swt kni m grht nn h3 {tw} w3ty

Mas ninguém é um homem forte durante a noite, ninguém pode lutar sozinho²⁰!



nn hpr sp m3r m-hmt [.kwi] mkty

Não existirá procedimento de sucesso sem um protector.



mk st3w hpr iw.i m-hmt.k{wi}

Olha, a traição²¹ aconteceu quando eu estava sem ti²²,



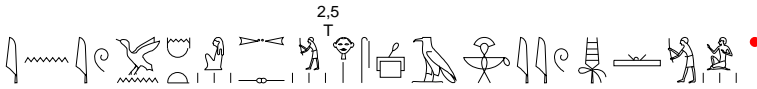
nn sdm̄t.n.i šnywt hr sw3d̄.i n.k iw hm̄st tw hn̄.k iḥ iry.i hr šhrw.f

(quando) a corte não tinha (ainda) ouvido que eu te fizera florescer, e (quando) eu (ainda) não estava sentado junto de ti. Então eu vou fazer planos por ti²³,



hr-nty nn hr.[i] st m hm̄t st n inn.i ib.i wsft nty hr b3kw

já que eu desconhecia isto, que eu não levei a melhor sobre isto, e que o meu coração negligenciou os servidores.



in iw p3.n hm̄wt ts hr skyw

Alguma vez as²⁴ mulheres comandaram tropas?



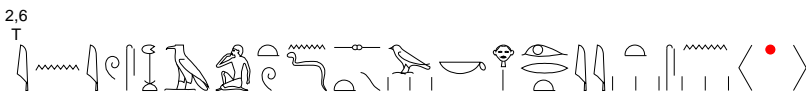
in iw šd.tw {m} hnnw [m] hnw n pr

Alguma vez os desordeiros causaram tumultos no interior do palácio²⁵?



in iw hb3.tw im.i ʿd gbbw

Alguma vez comigo se transgrediu a lei para salvar a terra²⁶?



in iw swḥ3.tw ndsw{.k} hr irt.sn

Alguma vez os camponeses foram enganados relativamente às suas produções²⁷?



nn iw{t.n.i} tyt h3y.i n dr msyt.[i]

Nenhum mal veio a mim desde o meu nascimento²⁸.



nn hpr mitt st sp m irt knn

Nunca tinha acontecido uma coisa semelhante numa acção de bravura²⁹.



2,7

*iw h3b.n.i r 3bw hs{t}[i.n.i] r idhw*

Eu viajei até Elefantina e voltei³⁰ para os pântanos do Delta.

*h'kwi hr drw {hr}[t3] m33.n.i m k3bw.f*

Eu detive-me nos confins do país³¹ e observei o seu interior.

*ini.n.i hr drw m hps' tw m hps'.i m hprw.i*

Eu alcancei os limites do poder³² através do meu poderoso braço e das minhas manifestações.

*ink iri it mry npri tri.n wi h'py*

Fui eu o criador dos cereais, o amado de Nepri³³. Hapi³⁴ honra-me³⁵

2,9

*hr pg3 nb n hkr.tw im.i rnpwt.i n ib.tw im.i*

em cada entrada [de um vale]³⁶. Comigo ninguém teve fome nos meus anos³⁷, comigo ninguém teve sede.

*iw hmsi.tw m irt.n.i hr sdd.tw im.i iw wd.n.i nb r st iry.i*

Puderam viver descansados³⁸ com o que eu fiz e falar de mim³⁹. Tudo o que eu decretei estava no lugar relativamente a mim.

*iw knb{t3w}[.n].i m3iw ini.n.i mshw*

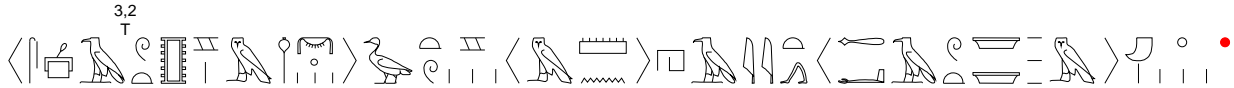
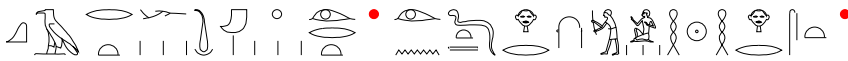
Eu dominei⁴⁰ leões e capturei crocodilos.

*iw di.n.i w3w3yw ini.n.i md3yw*

Eu subjuguei⁴¹ os Uauaiu⁴² e capturei os Medjaiu⁴³.



3.1

*iw di.n.i iry.i {hr} styw hr šmt tsmw*Eu fiz os Asiáticos fazerem o andar dos cães⁴⁴.*iw iri.n.i n pr [s]hkrw m nbw h3wt.f m hsbd*Eu fiz⁴⁵ uma casa adornada⁴⁶ a ouro, com os tectos⁴⁷ de lápis-lazúli,*s3wt m hq s3tw m mnht 3w{t}[y] m hmt*as paredes de prata, o chão de sicómoro, as duas portas de cobre⁴⁸*k3rt [m] hsmn {irit} iri n dt hryt hh hr st*(com) os ferrolhos de bronze⁴⁹, feita para sempre, preparada para a eternidade.*iw.i rh.kwi m-dryt nb{t} nb{t}-iry-r-dr iw ms msyt 33t m mrrwt*Eu sei tudo isto como «senhor de tudo isso»⁵⁰. Na verdade, numerosas calúnias⁵¹ estão nas ruas,*iw rh hr [dd] tiw wh3 hr [dd] nfrw.f hr-nt{y}[t] n rh.f sw šw m hr.k*o sábio diz «É assim!», o ignorante diz «Está bem!» porque⁵² ele não pode saber se está privado de ti⁵³.*{n s.i} s3.i n s-n-wsrt nh wd3 snb rdwy.i hr šmt m ntk ib.k ds.k*Meu filho⁵⁴ Senuseret, v. p. s.⁵⁵ As minhas pernas põem-se em marcha, (mas) o meu próprio coração está contigo⁵⁶*irty.[i] hr gmh.{n.i}[k] msyw m wnwnt nt nfr-ib*e os meus olhos observam-te⁵⁷: nascidos numa hora de coração feliz⁵⁸



r-gs hnmmt di.sn n.k i3wt

ao lado do «Povo do Sol»⁵⁹, eles prestam-te homenagem⁶⁰.



mk{y} irw.n.i hr{y}-h3t ts.i n.k m phw

Olha! Eu fiz o princípio e quero organizar o fim para ti⁶¹.



ink mni n{k} nty m ib{k}.i

Fui eu que amarrei (o barco) para ti⁶² o que estava na minha vontade.



tw hr w3h n hdt prt-ntr

Tu⁶³ tens o encargo de conservar a coroa branca, a divina progenitura⁶⁴!



htm r st iry m 3.n.i n.k h{3}nw m wi3 [n] r

O selo está no lugar, segundo o que eu comecei⁶⁵ para ti. Há alegria na barca de Ré⁶⁶.



h3.n {ss} nsyt.k {s} hpr hr-h3t.i nn m irt.n.i iknnw

Tu⁶⁷ ascendes à realeza criada anteriormente a mim, (mas) não como eu me fiz alguém excelente⁶⁸.



s3h3 mnw{k} smnh rdw.k h3.k wi hr rh.tw hr rh.k wi

Edifica os teus monumentos! Assegura uma renda para o teu poço tumular! Luta para saberes de mim sabendo de mim⁶⁹!



hr-nt{y}.i nn mr.n.{f}.i {s}tw r-gs hm.{f}.i nh wd3 snb iw.s pw nfr m http{w.i}

Porque não há ninguém que eu amasse como tu junto à minha majestade, v. p. s.⁷⁰.» Isto é o seu fim, perfeito e em harmonia.



im k3 [n] ḥsyw ikr nfr m bi3t sš pr-ḥd k3-g3-bw-ḥt

Isto é para o *ka* dos favoritos, maravilhosamente bons, o escriba do tesouro Kagabuat



sš pr-ḥd ḥr.i sš ini-n3-n3 m ḥ3t-sp 1 3bd 1(-nw n) prt sw 20

e o escriba do tesouro Hori⁷¹. O escriba Ininana, ano 1, primeiro mês de Peret, dia⁷² 20⁷³.

**NOTAS:**

- ¹ Sem dúvida que sendo Amenemhat «justo de voz» já estaria morto. O criador ou mentor do texto, que até pode ter sido o seu filho, Senuseret, faz com que o faraó morto apareça como um deus. Ora um aparecimento depois de morto, aparentemente só poderia ter acontecido num sonho. Provavelmente temos aqui uma revelação onírica, fosse ela real ou simplesmente uma forma literária para transmitir uma determinada mensagem. Em todo o caso, falamos do mesmo faraó que levou Sinuhe à fuga do Egito e do seu filho que, anos mais tarde, o recebeu (ver a *História de Sinuhe*, já antes apresentada).
- ² O *Papiro Sallier II* é o único dos manuscritos onde a palavra *t3* está omissa. Os restantes oito manuscritos que têm esta passagem apresentam-na (*Papiro Milligen*, *Papiro Sallier I*, e os óstracos *Michailides 20*, *Deir el-Medina 1020*, *Deir el-Medina 1196*, *Gardiner 322*, *Leipzig 7* e *British Museum 5623*). Por outro lado, a referência a *idbw*, o plural ideográfico que surge em todos os manuscritos, indiscutivelmente traduzido por «Bancos de Areia», parece-nos uma referência ao próprio Egito. Caso tivéssemos outros plurais, como o dual , os «Dois Bancos de Areia», ou até , os «Bancos de Areia de Hórus», seria praticamente indiscutível que fosse uma referência ao Egito. Por analogia e segundo o contexto, julgamos que seja mesmo o Egito, eventualmente, dizemos nós, uma referência a Alto, Médio e Baixo Egito. Aliás, é a opinião da maior parte dos tradutores consultados, senão da totalidade, embora só Simpson faça essa referência específica e Vernus se afaste um pouco mais traduzindo por Dois-Rios o que todos os outros traduzem por «Bancos de Areia», uns apresentando a tradução como nome próprio, com maiúsculas, outros não (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 10; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 6; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 106; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 39; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 35; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 206; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 136; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 194; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 72; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, p. 165).
- ³ Ou seja, os homens concentram o seu pensamento contra aqueles que os subjugam.
- ⁴ A palavra «amigo», *hnm[s]*, escreve-se, normalmente, , podendo surgir também com as seguintes variações: , ou . O penúltimo determinativo da primeira variante, G.A7 (), é mais comum na palavra «amizade»: . O que é muito invulgar, até ao momento é mesmo o único caso que conhecemos, é a utilização do carácter G. G39 () que aparece tanto no *Papiro Sallier I* quanto no *Papiro Sallier I*, não aparecendo em todos os outros documentos onde surge esta passagem: *Papiro Milligen* e óstracos *Gardiner 322*, *Leipzig 7*, *British Museum 5623*, *Gardiner 324* e *Deir el-Medina 1092* (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 325; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 193; W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 18; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 6; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 105; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 39).
- ⁵ Entendemos esta frase no sentido de poder adormecer de consciência tranquila.
- ⁶ Há um conjunto de caracteres deteriorados no *Papiro Sallier II* que completámos com o *Papiro Milligen* e conferimos nos restantes dez manuscritos (*Papiro Sallier I*, os óstracos *Leipzig 7*, *British Museum 5623*, *Gardiner 348*, *Deir el-Medina 1021*, *Deir el-Medina 1092*, *Michailides 24*, *Ramesseum 56*, *Moscovo 5518* e a tabuinha *Brooklyn I*) que incluem o que falta desta frase (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 22; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 7; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 107; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 40).
- ⁷ Como é óbvio, tal como a palavra «pobre», a palavra «órfão» é um substantivo e não um verbo, daí que a partícula formativa verbal *.n*, de tempos pretéritos, por exemplo, esteja incorrecta. Do mesmo modo, o «órfão» não é do faraó, daí que também a primeira pessoa do singular do pronome sufixo *.i* esteja a mais. A pobreza e a orfandade são dois estigmas sociais negativos que o faraó diz ter combatido num estilo semelhante ao das autobiografias, dando relevo aos seus actos virtuosos: deu esmola e ajudou quem não tinha pai para singrar na vida.
- ⁸ No mesmo contexto das frases anteriores, onde o homem «que não tinha fim», isto é, que não tinha uma finalidade na sua existência, era, em nosso entender, um indivíduo que não era considerado, que não era reconhecido como ser, que não tinha identidade. Provavelmente a ideia de indigente a quem o rei deu oportunidade de uma existência digna junto a todos os outros homens, dando-lhe trabalho e permitindo-lhe desse modo possuir alguns bens e ter objectivos na vida. Não só o rei insere o seu comportamento na linha da *maat* social e nas funções do Estado faraónico, que devia existir para que *maat* fosse realizada, como permite exemplarmente o acesso dos Egípcios mais desprotegidos a uma maior justiça social. Parece-nos forçada a tradução de alguns dos tradutores consultados: «que não tinha nada», focando-se apenas nos bens materiais, ou pelo menos assim nos dando a entender (R. B.



PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 206; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 136; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 194; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 72; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, p. 166).

⁹ Isto é, alguém a quem o faraó privilegiou, serviu-se desse privilégio para incutir medo nos outros.

¹⁰ A primeira pessoa do masculino singular do pronome sufixo, utilizado como pronome possessivo da palavra «linho fino», *p3kt.i*, é erradamente precedida do caracter G. O1 (□), talvez por influência da expressão *pr.i* existente na mesma frase.

¹¹ Provavelmente será uma expressão de menosprezo, de desdém, tendo por base *šwy*, variante de *šww*, «vegetal», «erva» e não *šwyw*, «necessitado», ou *šwyt*, «sombra». Jesus Lopez fez a publicação fac-similada do *Papiro Millingen* em 1963, em quatro pranchas inseridas num artigo da *Revue d'Égyptologie*. Não só nos possibilitou a confirmação da leitura desta palavra com os nossos próprios olhos, sensivelmente a meio da oitava linha da primeira prancha publicada, a número quatro, como ele próprio fez a seguinte nota: «A leitura $\beta\epsilon\lambda\lambda\text{,}\text{𓆎}$, está certa. Maspero que a tinha proposto não foi seguido por Griffith que leu 𓆎 , nem por Volten que leu 𓆎 . Estes dois autores fundamentaram-se na publicação fac-similada de Maspero que, para esta passagem, é bastante medíocre. Por outro lado, a leitura $\beta\epsilon\lambda\lambda\text{,}\text{𓆎}$, de Gardiner para a passagem correspondente da tabuinha de *Brooklyn I* é errada: 𓆎 deve ser substituído por 𓆎 . Por fim, a transcrição de Goedicke e Wentz do óstraco *Michaelides 50* terá que ser corrigida para $\beta\epsilon\lambda\lambda\text{,}\text{𓆎}$, em vez de $\beta\epsilon\lambda\lambda\text{,}\text{𓆎}$. Há assim concordância entre todos os manuscritos. É desta forma que esta palavra aparece transcrita em Helck no *Papiro Sallier II*, acrescida do determinativo 𓆎 , que nos indica que se refere a uma pessoa a quem estão a identificar com um «vegetal», uma «erva», o que o determinativo 𓆎 já fazia suspeitar (JESUS LOPEZ, «Le Papyrus Millingen [Planches 4-8]», em *RdE 15* (1963), p. 31 e pr. 4; W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 28; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 8n; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 108; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 40; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 263; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 417-418; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 206; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 136; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 194; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 72; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, pp. 166 e 172).

¹² Para além de serem duas frases que marcam com toda a evidência o facto deste discurso ser um monólogo de uma pessoa que está, efectivamente, morta, elas são também a prova do aproveitamento que Amenemhat faz para, através de um discurso ao seu filho, se dirigir, em geral, à humanidade. Para se perpetuar na eternidade, pede-lhes que lhe façam «um canto fúnebre» nunca antes ouvido. Usa para isso expressões que introduzem o habitual dualismo egípcio: a componente divina do rei e a sua componente humana, pois não devemos esquecer que a divindade faraónica incarnava num homem. Ambas são fundamentais para a ordem universal, isto é, não só entre os deuses mas também entre os homens. Por isso os homens assumem aqui o duplo papel de «imagens» do deus criador e, por esta via, da parte divina do rei, mas são, em simultâneo, «as suas partes» humanas. No fundo, temos aqui a forma como Ré, o demiurgo, instalou *maat* no mundo, ou seja, instalando o rei na terra como uma espécie de funcionário directamente responsável perante si, a quem cumpria realizar *maat* aniquilando *isefet* (W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 194; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 209; J. ASSMANN, *Maât, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice social*, pp. 121-122).

¹³ A palavra *bw*, que na frase anterior é um substantivo masculino, com o significado de «lugar», aqui é uma partícula, uma espécie de prefixo, que se utiliza na formação de palavras compostas que exprimem ideias abstractas (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 564; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 81-82).


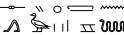
¹⁴ Amenemhat dirige-se simultaneamente à humanidade e ao seu filho Senuseret, deixando bem clara a diferença entre a sua divindade e os humanos. Exigindo-lhes um elogio fúnebre nunca antes visto, avisa-os de que a sua morte pode vir a ser vingada. Esse «combate», que ainda está para ser realizado, será bastante violento, pois o «combatente», obviamente o filho, provável criador ou inspirador destas palavras, se não se esquecer do que fizeram ao seu antecessor, um pai, um rei, um deus, será tudo menos bondoso.


¹⁵ No *Papiro Sallier II* falta o caracter 𓆎 ao verbo *b3gi*, que surge nos restantes dez manuscritos que contêm esta passagem: o *Papiro Millingen*, o *Papiro Sallier I*, o *Papiro Berlin 3019*, os óstracos *Leipzig 7*, *British Museum 5623*, *Michailides 23*, *Michailides 50*, *Ramesseum 59*, *Ramesseum 61* e a tabuinha *Carnarvon 5* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 40; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 10; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 110; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 42).


¹⁶ Não sendo *ib* que aqui se encontra, o coração em sentido lato respeitante a todo o interior do corpo humano, mas *h3ty*, o coração físico, o músculo cardíaco, não concordamos com P. Vernus que nestas circunstâncias o traduz por




«espírito» (P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, p. 166; cfr. R. SOUSA, «Coração», em *Dicionário do Antigo Egípto*, pp. 234-236; ver ainda R. SOUSA, *Iniciação e Mistério no Antigo Egípto*).

¹⁷ Tal como a cobra do deserto quando atacada, o faraó ter-se-á posto de sobreaviso pronto a reagir de imediato para defender a sua vida. Para a palavra *smt* cfr. A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 541 e 590. A palavra *s3-t3* escreve-se, normalmente, , tal como aparece no *Papiro Millingen*. Mas é caso único nesta passagem do texto. Em todos os outros manuscritos que incluem esta passagem aparece a complicada e estranha expressão  (qualquer coisa como *syn s3 snw t3 n s3*, que inclui mesmo *snw* («segundo») no meio, aparentemente sem tradução, mas que poderá ser uma estranha variante de *syn-t3*, «que corre na areia» e, portanto, uma outra forma de dizer «cobra do deserto» uma vez que tem lá o respectivo determinativo. Esta expressão surge total ou parcialmente nos óstracos *Leipzig 7*, *British Museum 5623*, *Michailides 23*, *Michailides 50*, *Ramesseum 59* e *Ramesseum 61* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 43; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 10; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 110; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 42).


¹⁸ O carácter G. D6 () apresenta-se a negro entre caracteres encarnados (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 43).

¹⁹ Dos cinco manuscritos que apresentam esta passagem, o que seguimos, o *Papiro Sallier II* é o único que apresenta esta grafia para a palavra *b3b3*. Os restantes (*Papiro Millingen*, o *Papiro Berlim 3019* e os óstracos *Leipzig 7* e *British Museum 5623*) apresentam a grafia comum com a utilização do carácter G. G29:  (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 77; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 164; W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 49; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 12; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 110; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 42).

²⁰ Quando o rei tem que justificar a sua fraqueza, fá-la incidir sobre a espécie humana, tirando de cima de si qualquer culpa dessa fraqueza. Nos manuscritos com esta passagem (*Papiro Millingen*, *Papiro Berlim 3019*, os óstracos *British Museum 5623*, *Michailides 20 bis* e *Senmut 145*), em vez de *tw* encontramos *w'ty* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 50; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 12; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 111; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 43).

²¹ A palavra *st3w* provoca bastantes divergências de tradução: Faulkner traduz por «injúria», Sánchez Rodríguez por «dano», «prejuízo», Parkinson por «passagem» com o sentido de morte, Vernus, ainda que com dúvidas, por «atentado», Lichtheim por «derramamento de sangue», Erman por «coisa abominável» e Gardiner diz que o carácter G. Aa2 () é uma «pústula ou glândula» sendo normalmente usado como determinativo de «excrescências ou condições físicas, especialmente de tipo mórbido». O acto de alguém que provoca a morte de outrem que lhe é muito próximo, além de demonstrar uma deficiente forma de pensar a quem deveria demonstrar total fidelidade, uma espécie de «excrescência intelectual», ao ter como objectivo provocar essa morte é também uma forma de pensar «mórbida». Daqui que julgemos que a palavra «traição» preenche os requisitos necessários para traduzir estas ideias (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 255-256; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 403; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 207; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 137; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 195; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 73; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, pp. 167 e 174; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 539).

²² A expressão *.kwi* é na realidade a terminação do estativo, que marca o estado do sujeito e que Gardiner designa por *old perfective* e Lefebvre por *pseudoparticipe*, na primeira pessoa do singular. É um pronome específico do estativo ou, melhor, uma desinência pronominal, uma vez que na primeira pessoa do singular pode ter uma utilização independente, necessitando as restantes pessoas do singular e plural da anteposição de um suporte nominal ou pronominal. Estas desinências não só são específicas do estativo, como são indissociáveis da raiz do verbo, razão pela qual na transliteração se ligam sempre ao verbo por um ponto. Por seu lado, *m-hmt*, é uma preposição composta que significa «sem», ou «na ausência de». Por este último facto, não se compreende por que razão lhe é associada a anterior terminação, uma vez que não é um verbo (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 190; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 446; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 131-133 e 234-239; G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 167-181; B. MENU, *Petite Grammaire*, pp. 82-83 e 141-142).

²³ Há aqui um erro na atribuição do pronome sufixo que está na terceira pessoa masculina singular e devia estar na segunda pessoa masculina singular, *k* () , conforme consta dos seguintes manuscritos: *Papiro Millingen*, *Papiro Berlim 3019* e óstraco *British Museum 5623*. Aliás, no *Papiro Sallier II*, segundo informa Maspero, terá sido in-



introduzido *a posteriori* por cima da linha, primeiramente a negro e depois corrigido para encarnado. Em relação à interpretação destas frases, elas são fundamentais para o debate não só sobre a interpretação da obra, mas, sobretudo, sobre a hipotética co-regência de Amenemhat I e Senuseret I, uma vez que põem essa regência claramente em causa (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 56; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 12; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 112; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, pp. 162-163, 167 e 174).

²⁴ Ao introduzir uma estrofe esta frase deveria apresentar-se a encarnado, mas tal não acontece no *Papiro Sallier II*. Falta o 3 (𓆎) no artigo definido p3 (𓆎𓆎), aqui escrito com G. G41 (𓆎) em vez de G. G40 (𓆎), e que se encontra correctamente escrito no *Papiro Millingen*, nos óstracos *Michailides 50*, *Deir el-Medina 1007* e *Petrie 56*, e nas tabuinhas *Carnarvon 5* e *Brooklyn II* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 61; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 13; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44).

²⁵ Nesta frase, a preposição *m* foi colocada fora do sítio: devia estar entre *hnnw* e *hnnw*.

²⁶ A palavra «terra» refere-se aqui ao solo agrícola. Esta frase transmite-nos a ideia de que nem para salvar o bem mais precioso, a terra arável, provavelmente durante a inundação, uma vez que parte dos outros manuscritos aparentam referir-se nesta passagem à abertura dos canais de irrigação, a legislação permitia que se abrissem os canais para salvar as terras de cada um, prejudicando outros. Eventualmente poderia ser um hábito antigo dos mais poderosos, com prejuízo dos menos poderosos. Fazendo cumprir a lei, a igualdade entre todos era efectiva. Esta passagem é diferente nos diversos documentos, surgindo também do seguinte modo e alterando um pouco o seu sentido: *in iw wb3.tw mw ḥdd gbbw* («Alguma vez abriram a água enquanto a terra estava próspera e florescente?»). Neste caso não seria durante a inundação, mas durante o período de gestação. Em todo o caso, o sentido geral é o mesmo. Aparece como nós traduzimos no texto nos *Papiro Sallier II*, *Papiro Berlin 3019* (passagem incompleta), nos óstracos *Michailides 20 bis*, *Deir el-Medina 1007*, *Petrie 29*, *Ramesseum 60* e na tabuinha *Brooklyn II verso*; aparece como está nesta nota no *Papiro Millingen*, nos óstraco *British Museum 5638*, *Lisht* (provavelmente, passagem incompleta) e na tabuinha *Carnarvon 5* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 63; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 13; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44).

²⁷ Neste contexto *iryi* parece significar «aquilo que eles produzem» uma vez que o verbo irregular *iri*, pode significar «produzir». Uma outra hipótese, que também estaria a contexto, seria a tradução por «imposto do grão» (𓆎𓆎𓆎𓆎), mas não há em manuscrito algum a indicação do determinativo que faltaria aqui (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 25-28; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 95-100).

²⁸ Corrigimos esta frase do *Papiro Sallier II* com o *Papiro Millingen*, uma vez que *iw.t.n.i* e *h3y.i* podem ter significados semelhantes e faltava o termo que expressasse o que vinha até ao faraó. Segundo o *Papiro Millingen* e a maioria dos restantes documentos, essa palavra é *iyt*.
















²⁹ Para justificar a sua distração em relação aos dependentes, o faraó começa por fazer quatro afirmações sobre a qualidade da sua governação, demonstrando ter sido um rei sempre atento e com um reinado onde nunca teve problemas. Por isso não terá sentido necessidade de se precaver contra um tal final, o único acto em desacordo com a sua vida terrena.

³⁰ No *Papiro Millingen* é de facto o verbo «voltar», em tempo pretérito, que encontramos: 𓆎𓆎𓆎𓆎. Contudo, no papiro que seguimos, o *Papiro Sallier II*, houve uma confusão na grafia desta palavra que acabou por dar vez ao verbo 𓆎𓆎𓆎𓆎 *hst*, que, além de estar no presente, tem como significado, «orar», «fazer uma oração», e é despropositado aqui. Em todos os outros manuscritos onde consta esta passagem (a tabuinha *Brooklyn II*, e os óstracos *Petrie 29*, *Cairo 25217*, *Moscovo 4468* e *Deir el-Medina 1018*), com ou sem erros, é o primeiro caso que é grafado (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 68; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 14; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 177).

³¹ Caso semelhante ao anterior. No *Papiro Millingen* é 𓆎𓆎 *t3*, que aparece, mas no *Papiro Sallier II* é *hr*. O primeiro caso repete-se na tabuinha *Brooklyn II* e no óstraco *Cairo 25223* e o segundo no *Papiro Berlin 3019* e no óstraco *Petrie 87*, surgindo ambos, *t3 hr*, no óstraco *Moscovo 4468* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 69; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 14; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44).








³² Para quem segue o *Papiro Millingen* encontra aqui a palavra *hpšwt*, que Vernus se recusa a traduzir afirmando ser uma palavra desconhecida, que Helck traduz por «Ursa Maior» afirmando ser uma corruptela da palavra *hpš*



- () , o que achamos estranho, e Gardiner, que Lichtheim segue, traduz por «fortalezas fronteiriças» o que também não nos satisfaz. Erman, Simpson e Parkinson devem ter olhado para o *Papiro Sallier II*, onde se lê *ḥpš tw* e, independentemente do pronome poder estar errado, traduziram por «poder» ou «força», muito mais a contexto do que qualquer das outras hipóteses e sem margem para grandes dúvidas (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 70; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 15; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 45; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 189; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 321; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 207; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, pp. 137 e 139; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 195; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 73; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, pp. 167 e 175; A. H. GARDINER, «The earliest manuscripts of the Instruction of Amenemmes I», p. 493).
- ³³ Outra frase que introduz uma estância que não está a encarnado no *Papiro Sallier II*. Nepri como deus do grão, dos cereais, simbolizava a fertilidade das colheitas, o que o associava, por um lado a Hapi, considerado «senhor de Nepri» por este estar dependente do aluvião trazido pela inundação do Nilo, e a Osiris pelo mito agrícola. Esta última associação é reforçada quando ao ser considerado filho de Renenutet, a deusa cobra das colheitas, se fez representar ao seu colo a ser amamentado, tal como Hórus com Ísis. Se Hórus e Osiris já eram suficientes ligações divinas do faraó, Nepri ao ser considerado um deus criador e distribuidor da abundância foi frequente e directamente associado ao rei, fazendo com que Amenemhat I se tenha sentido responsável pelo amadurecimento dos cereais que matavam a fome ao seu povo, adoptando este epíteto (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 330-331).
- ³⁴ Em conformidade com a frase anterior, embora sem o determinativo de divindade, que aparece nesta passagem noutros dois manuscritos (*Papiro Millingen* – onde Maspero se esqueceu de o pôr, mas Helck, Volten e Griffith não – e óstraco Ramesseum 102), julgamos que será mais correcta a tradução por «Hapi», do que por «inundação» que, aliás, pode surgir com outras grafias. Por exemplo: *iwhw* () , *wdnw* () , *wdnw* () , *mty* () , *mtrw* () , *nwy* () , *ḥ3yt* () ou *ḥ3pr* () (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 73; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 15; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 114; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 45; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 80, 158, 161, 222, 223, 232, 282 e 286).
- ³⁵ A primeira pessoa do singular do pronome dependente *wi*, tem um caracter a mais. Há aqui uma confusão de pronomes, inclusivamente no respeitante ao facto de estarmos a seguir um texto cujo original terá sido escrito em médio egípcio, no Império Médio, e que foi copiado no Império Novo, pois o *Papiro Sallier II* é dos finais da XIX dinastia, quando já se escrevia o neo-egípcio. No médio egípcio escrevia-se a primeira pessoa masculina singular do pronome demonstrativo, tipo moderno, que também podia funcionar como artigo definido, *p3* () , com G. G40 () e no neo-egípcio escrevia-se *p3* () , com G. G41 () , conforme aparece neste papiro. Embora Gardiner diga que, por vezes, muito raramente, a segunda forma também pudesse aparecer no médio egípcio. Por seu lado, Lefebvre diz que a escrita hierática escreveu sempre o *p3* com a grafia antes referida para o neo-egípcio. Menu refere que *p3* faz parte dum trio recente de demonstrativos (*p3*, *B* e *n3*), por oposição a um trio mais antigo (*pw*, *tw* e *nw*) que evoluirão e se fixarão como artigos definidos («o», «a», «os», «as») no neo-egípcio (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 85-87; G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 61-66; B. MENU, *Petite Grammaire*, pp. 92-93; F. NEVEU, *La langue des Ramsés. Grammaire du néo-égyptien*, pp. 4-5; J. ČERNÝ, S. I. GROLL e C. EYRE, *A Late Egyptian Grammar*, pp. 40-50).
- ³⁶ São as aberturas dos vales, os uadi, por onde a inundação se estendia. Aliás, esta palavra forma-se a partir da mesma raiz do verbo «abrir» () *pg3*). Há no *Papiro Sallier II* uma divisão incorrecta dos versos, separando esta frase ao meio (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 186).
- ³⁷ A expressão  *rnptw.i*, «nos meus anos», está omissa no *Papiro Sallier II*, mas surge no *Papiro Millingen* e na tabuinha *Brooklin II* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 73; G. MASPERO, *Les enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 15; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 114; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 45).
- ³⁸ O verbo *ḥmsi* significa «morar», «habitar», «viver»; mas também significa «sentar-se» (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 293).
- ³⁹ O reconhecimento social, a memória pública que a eternidade não dispensava. Esta frase do *Papiro Sallier II* está danificada e teve que ser reconstituída através do único manuscrito que apresenta esta frase completa neste local, o óstraco *Deir el-Medina 1035*, confirmado em parte pelo óstraco *Petrie 29*. Fomos tentados também a ler no *Papiro Sallier II* a palavra *sddt*, «descrição», «conto», mas o espaço vazio existente e os dois exemplos referidos conse-



lharam-nos a fazer a leitura que apresentamos desprezando a ideia de que aqui pudesse haver alguma referência literária expressa à palavra «conto» (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 74).

- ⁴⁰ Nova zona deteriorada no *Papiro Sallier II* que é possível restaurar, ainda que com erros, com a ajuda dos óstracos *Petrie 29*, *Petrie 77*, *Deir el-Medina 1039*, *Deir el-Medina 1081* e *Malinine*. Em todas estas referências as palavras grafadas são  *knb.n.i*, com ou sem plural. O único caso onde isso não acontece é no *Papiro Sallier II*, onde se introduz quase uma nova palavra, *t3w*, mas que para fazer sentido teria que ter outros determinativos. Tal como está não faz qualquer sentido (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 76).
- ⁴¹ Na realidade o que está no *Papiro Sallier II* é o verbo «fazer» que entendemos como «tomar conta de algo» e, portanto, «dominar». Tanto mais que nos óstracos *Petrie 77* e *Malinine* e noutro tempo verbal também no óstraco *Deir el-Medina 1081*, aparece mesmo , ou seja, o verbo «subjugar», «dominar» (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 77).
- ⁴² Uauaiu são os habitantes de Uauat, que é a Núbia, mais precisamente o Norte da Núbia ou a Baixa Núbia, entre a primeira e a segunda catarata do Nilo, já que o Sul era Kuch ou a Alta Núbia, entre a segunda e a quarta catarata (B. MANLEY, *Atlas historique de l'Égypte ancienne*, p. 51; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 41,43 e 44; C. C. CORREIA, «Núbia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 629-630).
- ⁴³ Medja é uma região localizada no Sudeste egípcio, a sul do Deserto Árábico fazendo já parte do Deserto Núbio, com o Nilo a oeste o mar Vermelho a este, o uadi Hammamat a norte e o uadi el-Udi a sul. Medjaiu são os seus habitantes. É considerada uma região da Núbia e a diferença que se pretende aqui estabelecer entre os povos destas duas regiões, hostis aos Egípcios, é entre núbios ribeirinhos e núbios do deserto (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 123; B. MANLEY, *Atlas historique de l'Égypte ancienne*, pp. 27, 45, 51; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 210; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, p. 175).
- ⁴⁴ Trata-se de uma estrofe onde Amenemhat relata os feitos alcançados junto dos seus inimigos. O andar dos cães é em quatro patas, o que para um ser humano é extremamente humilhante. Ainda pior do que o simples ajoelhar, que pode ser uma simples genuflexão de respeito e deferência. Aliás, ainda hoje se empregam expressões semelhantes em que o emissor mostrar superioridade em relação ao receptor dizendo: «se não fazes (isto ou aquilo) até andas de gatas!», «ou te portas bem ou ponho-te a andar de gatas», etc.
- ⁴⁵ Conforme podemos constatar nos óstracos *Petrie 29*, *Petrie 77*, *Deir el-Medina 1081* e *Malinine*, o início desta frase tem erros. Nem a partícula *iw* tem o caracter G. A1, nem o verbo *iri* tem a desinência do plural. Quanto muito poderia ficar , ou seja, *wi iri.n.i n.i* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 80).
- ⁴⁶ O *Papiro Sallier II* é o único que omite o *s* no início da palavra *shkrw*. Nos óstracos *Petrie 29*, *Deir el-Medina 1081*, *Petrie 77*, *Malinine* e *Deir el-Medina 1102* a palavra está escrita com o *s* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 80).
- ⁴⁷ A utilização do caracter G. G21 só pode surgir como um determinativo, pois o fonema *nḥ* não existe nesta palavra. Mesmo como determinativo não é normal. Será que tem alguma coisa a ver com a confusão a que Gardiner faz referência? De que alguns escultores assimilam este signo a G. G1 () ou a G. G 43 ()? Não faz qualquer sentido (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 80; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 469).
- ⁴⁸ É impossível entender estas três frases através do *Papiro Sallier II*, onde os caracteres são  no princípio. A descodificação deste emaranhado de caracteres sem sentido só é compreensível tendo em consideração o óstraco *Malinine* na primeira parte da frase, o óstraco *Deir el-Medina 1102* que acrescenta os caracteres omissos da palavra *mnh3t*, embora G. Y5 pareça estar a mais e a palavra «sicómoro» ser de tradução bastante duvidosa, tal como pensa Vernus que, no entanto, segue Parkinson, tal como nós fazemos – na dúvida, também, Lichtheim diz ser «madeira de acácia» – e o óstraco *Petrie 29* para a parte final onde os caracteres são , onde só a palavra *hmt* está correcta (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 81; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, p. 168; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 207; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 137).
- ⁴⁹ No *Papiro Sallier II* a frase não está correcta, faltando a preposição *m* e existindo no final da frase a forma verbal *irit*, que a existir deveria estar no princípio da frase. A frase correcta encontra-se no óstraco *Petrie 29* e parcialmente no óstraco *Deir el-Medina 1102* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amen-emhets I für seinen Sohn»*, p. 81).
- ⁵⁰ Devido a eventuais erros e/ou a grafismos desconhecidos, a frase é de difícil tradução e existe apenas no *Papiro Sallier II*, não havendo nenhuma hipótese de comparação. A tradução por nós proposta deixa-nos bastantes dúvi-



das, mas no estado actual das fontes é uma questão que mantemos em aberto e que para já é de difícil resolução. P. Vernus traduz por «eu sei que aí serei o senhor na totalidade», dizendo ser uma interpretação conjectural. Parkinson traduz por «eu sei, porque fui o senhor dela, de tudo» e não faz qualquer comentário. Lichtheim traduz por «eu sei porque sou o seu senhor» e também não faz qualquer comentário. Simpson traduz por «eu sei que o dono dela é o senhor do universo» e afirma que é uma tradução que o deixa com dúvidas. Esta última tradução tem uma virtude que as restantes não apresentam: teve em consideração que a palavra *r-dr* termina com G. G7 (𓆎) o que, até à existência de melhores dados, denuncia a presença de uma divindade, como, aliás, está no princípio do texto. Tanto mais que estamos a falar de uma «casa da eternidade» feita com materiais só acessíveis aos deuses. Em todo o caso, no *Papiro Millingen* surge a única palavra que existe desta frase é *nb-iry-r-dr*, escrita sem *t* em *nb*, e no óstraco *Deir el-Medina 1102* a palavra surge incompleta, mas na parte que aqui interessa nenhum dos dois *nb* tem *t* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 82; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, pp. 168 e 175; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 208; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 138; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 196).

- ⁵¹ Parece-nos mais a contexto termos aqui um erro ou variante de *mski* (𓄀𓄁𓄂), «calúnia», do que um erro ou uma variante de *ms* (𓄀𓄁), «criança». Contudo, como recorda Vernus, não deixa de ser verdade que é uma passagem muito semelhante ao que encontramos na linha 6.13 d'As *Admoestações de Ipu-uer*: «Na verdade, as crianças dos grandes são atiradas para as ruas; o sábio diz “É assim!”, o ignorante diz “Não é!” e aquilo de ele não saber nada é agradável para ele». Mas tanto a construção da frase, como a grafia das palavras ou as palavras utilizadas, quer mesmo o contexto, são completamente diferentes, pelo que não nos parece correcto afirmar que ambas são uma e única expressão (cfr. *As Admoestações de Ipu-uer*, p. 267; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, pp. 168 e 175).
- ⁵² A conjunção «porque», *hr-ntt*, surge errada, com *y* no lugar do segundo *t*, não só no *Papiro Sallier II*, mas também no óstraco *Deir el-Medina 1103*. Apenas está correcta no *Papiro Millingen*, o terceiro dos documentos a apresentarem esta passagem (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 86).
- ⁵³ Ao contrário d'As *Admoestações de Ipu-uer*, não há aqui uma negação (*bi3w*) mas antes uma anuência submissa, impensada. Os «ignorantes» são os que não pensam. Interpretamos esta frase como uma afirmação de que os mais poderosos manipulavam as multidões, que faziam o que eles queriam. Sobretudo neste caso em que alguém de alta posição, o «sábio», o traidor, o assassino de Amenemhat, teria até então escondido a morte do rei, na eventualidade de dar igual destino a Senuseret, para então poder assumir-se como líder incontestado.
- ⁵⁴ Dois erros no início desta frase onde pela primeira vez aparece explicitamente o nome de Senuseret. O que na realidade está escrito é *n s*, que deveria estar ao contrário (*s n*, «homem de») como se vê no óstraco *Deir el-Medina 1103*. Mas o que é vulgar antes do nome de nascimento é *s3 r^c*, filho de Ré. Aqui, como estamos em discurso directo é natural que surja o pronome sufixo na primeira pessoa do singular *.i*. Por outro lado, no momento em que passa o testemunho ao próprio filho, não é natural que o trate por «meu homem». Daí que também nós julgamos que deveríamos ter aqui *s3.i n*, embora não haja confusão possível entre o carácter G. O34 (𓄀) e o carácter G. G37 (𓄁). Contudo, até o nome de Senuseret está errado! O *r^c* que deveria constar junto de *s3* foi incluído no interior da cartela, onde não é habitual estar nesta forma de escrever o seu nome: 𓄀𓄁𓄂𓄃𓄄 (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 87).
- ⁵⁵ É a abreviatura da fórmula habitual para desejar um futuro longo, próspero e saudável: «Possa ele viver, prosperar e ter saúde!»; cfr. nota 55 de *Khufu e os Mágicos*, nota 78 do *Conto do Naufrago*, nota 1 de *As Profecias de Neferti*, nota 31 de *As Admoestações de Ipu-uer*.
- ⁵⁶ Mais uma clamorosa sucessão de erros na aplicação dos pronomes, que aparecem correctos no *Papiro Millingen* e no óstraco *Michailides 20 bis*. Os dois pronomes sufixos da segunda pessoa do singular deveriam estar na primeira pessoa do singular. A frase correcta é 𓄀𓄁𓄂𓄃𓄄 (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 87).
- ⁵⁷ Continuam os erros na aplicação dos pronomes que se encontram correctos no *Papiro Millingen* e no óstraco *Deir el-Medina 1103*. Aliás, a palavra «olhos» também está incorrectamente escrita: o plural ideográfico deveria ser grafado apenas com a duplicação do carácter G. D6 (𓄀), e a ter um feminino seria um carácter G. X1 (𓄁) em vez de G. V31 (𓄂), como surge nos dois documentos referidos (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 88).
- ⁵⁸ Um coração que está feliz é um coração tranquilo. Aliás, para esta expressão Á. Sánchez Rodríguez apresenta a tradução de «tranquilidade» (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 237).
- ⁵⁹ O «Povo do Sol» é a humanidade; todos os que nasceram e viram o sol. Ainda assim, neste contexto, não deixa de ser uma designação um pouco restritiva se tivermos em conta que no Egipto faraónico a humanidade era o conjun-



to de todos aqueles que adoravam Ré, portanto, apenas os próprios Egípcios.

⁶⁰ É a efectivação da transição do poder, doravante observado, apoiado e protegido do Além por Amenemhat.

⁶¹ Cfr. nota 96 d'As *Profecias de Neferti* sobre a ascensão ao poder de Amenemhat, primeiro rei da XII dinastia, e da existência de três ou quatro reis de nome Mentuhotep, da XI dinastia. Contudo, a actuação de Amenemhat vai muito para além da sua tomada do poder, justificando de algum modo esta frase no sentido de querer que o seu filho Senuseret, nome também do seu avô paterno, terminasse o que ele tinha iniciado. Obviamente que, tal como Amenemhat se serviu d'As *Profecias de Neferti* para legitimar o seu poder, um pouco à semelhança dos reis da V dinastia com o texto de *Khufu e os Mágicos*, estamos na presença de semelhante estratagem por parte de Senuseret com este conto. Ao norte providenciou pela segurança e estabilidade do Egipto expulsando os nómadas infiltrados na região do Delta e construindo as Muralhas do Príncipe para protecção daquela fronteira do país. Mais tarde virou-se também para sul, ou, melhor dizendo, um pouco para todas as direcções. Segundo rezam os documentos, no ano 20 do seu reinado, já o seu filho era adulto e pôde libertá-lo dessa tarefa, para uns como co-regente para outros não, tornando-se responsável pelo exército e pelas expedições de carácter militar e comercial com que renovou a política externa do Egipto. Aliás, na *História de Sinuhe*, é exactamente numa dessas ausências militares que o seu pai é assassinado! No ano 23 do seu reinado o seu exército atinge Gerf Hussein (sacrificada pelo progresso da modernidade e afundada sob o lago Nasser) e as pedreiras de diorito de Toshka, mais a sul, ambas na Núbia entre a primeira e a segunda cataratas. No ano 24 virou-se para o Próximo Oriente derrotando os beduínos e garantindo o domínio das minas de turquesa de Serabit el-Khadim, no Sinai. Esta viragem de 180° serviu também para retomar as relações com Biblos e com os povos do mar Egeu. Mas no ano 29 regressa ao Sul e avança até Korosko e funda um forte em Semna junto à segunda catarata. Kerma passa a ter relações comerciais e políticas estreitíssimas com o Egipto. No ano 30 foi a vez da Líbia, no Delta Ocidental. Mas, provavelmente, a sua maior preocupação, possivelmente aquela que o condenou à morte, foi a reforma e reorganização da administração. Parte dos problemas podem ter estado ligados à transferência da capital de Tebas para Iti-taui, uma nova cidade fundada para o efeito perto de Licht. Na verdade, o seu nome completo era Amenemhat-Ititaui («Amenemhat soberano das Duas Terras»), mas é quase sempre referida pela forma abreviada de Iti-taui. Por outro lado, a acção centralizadora do rei chocou com um certo reforço do poder local, que já vinha do Primeiro Período Intermediário, uma vez que Amenemhat teve que recompensar e confirmar nos seus cargos os governadores de província que lhe foram fiéis na sua tomada de poder. Aqui criou também algumas tensões, pois teve que substituir os que não o apoiaram. Por fim, teve que se rodear de funcionários competentes, não só bem formados como fiéis, para poder manter tanto a ordem como as actividades produtivas. Muitas destas tarefas deveriam estar em curso e longe de conclusão, mexendo com muitas pessoas. Deve ter sido no seio daqueles que se viram apeados de poder e riqueza que nasceu a conspiração. Aliás, estas frases de Amenemhat, ou se quisermos de Senuseret, dizem-nos isso mesmo: era preciso acabar o que apenas tinha sido iniciado (B. MANLEY, *Atlas historique de l'Égypte ancienne*, pp. 27, 43 e 45; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto, Deuses, Templos e Faraós*, pp. 179 e 181; C. VANDERSLEYEN, *L'Égypte et la vallée du Nil, Tomo II*, pp. 12-13; P. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 72-77; M. J. SEGURO, «Amenemhat» e L. M. ARAÚJO, «Onomástica real», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 54-56 e 642-649; P. VERNUS e J. YOYOTTE, *Dictionnaire des Pharaons*, pp. 26 e 100).

⁶² Antes do adjectivo relativo *nty*, falta o pronome sufixo na segunda pessoa masculina singular *.k* junto da preposição *n.*, tal como aparece no óstraco *Deir el-Medina 1204* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 91).

⁶³ Uma forma bastante arrevesada de escrever *tw* em médio egípcio, mas devemos lembrar que seguimos um manuscrito de finais da XIX dinastia, altura em que a escrita era o neo-egípcio. É natural que em cópias de originais em médio egípcio, ou egípcio clássico, pudessem existir contaminações de neo-egípcio no período ramsésida.

⁶⁴ Evocação directa das origens da dinastia e do próprio Egipto: o Alto Egipto. Conforme está registado numa inscrição em Karnak, Amenemhat era originário do Sul, aparentemente de origem humilde, filho de um sacerdote chamado Senuseret e de Nefert, uma mulher de Elefantina. Provavelmente o seu pai estaria ligado ao culto de Amon, uma vez que foi a partir de então que Amon ganhou proeminência em relação a Montu, logo a começar na onomástica real. Contudo, num reinado de quase trinta anos, teve a capacidade de dar ao Egipto a estabilidade que lhe escapava há perto de duzentos anos. Consciente de ser o primeiro de uma nova linhagem, para poder levar a efeito todas as mudanças que operou no Egipto, Amenemhat escolheu o epíteto de *uehem-mesut*, «Aquele que repete os nascimentos». Já séculos antes, por volta de 3000 a. C., Narmer, provável antecessor de Aha, qualquer deles vulgarmente identificado com Menés, teria feito surgir o Egipto, unificando o Alto Egipto com o Baixo Egipto, num processo iniciado no Sul e depois estendido para Norte (M. J. SEGURO, «Amenemhat» e L. M. ARAÚJO, «Onomástica real» e «Narmer», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 54-56, 602 e 642-649; P. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 78-79).

⁶⁵ Motivada provavelmente pelo trabalho dos copistas, eventualmente há aqui uma confusão e troca do verbo «co-



meçar», $\text{ḥ}3^c$ ($\text{ḥ}3^c$), com o verbo «assinar» $\text{ḥ}3$ ($\text{ḥ}3$). Aliás, há nesta frase diversos erros «ortográficos» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 260-261).

⁶⁶ A forma correcta de escrever esta palavra é $\text{ḥ}3$ ou $\text{ḥ}3$, «louvar», «exaltar», «glorificar» um deus ou um rei, ou ainda, «alegria», «júbilo», «exaltação». Em todo o caso, a colocação do carácter G. W22 ($\text{ḥ}3$), um jarro de cerveja, em vez de G. A8 ($\text{ḥ}3$), um homem a executar o ritual *hmnw*, compreende-se pelo estado de euforia que pode provocar tal bebida (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 443 e 616; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 159; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 278).

⁶⁷ Daqui ao fim, a reconstituição do texto, incluindo o cólofon, deve-se a Helck, uma vez que os actuais manuscritos são muito confusos ou mesmo ilegíveis e, ao que parece, já o deveriam ser no tempo dos próprios copistas ramsésidas. No final da sua obra, Helck apresenta as transcrições hieroglíficas dos quatro documentos onde surge o cólofon: *Papiro Sallier II* e os óstracos *Deir el-Medina 1204*, *Deir el-Medina 1093* e *Michailides 20 bis*. O mais completo é o do *Papiro Sallier II*, que temos vindo a seguir, que para além de confirmar o fim do texto regista o nome do escriba, as suas funções e até a data da cópia (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, pp. 93-94 e 105).

⁶⁸ É uma passagem duvidosa, mas a ser assim seria como que uma confissão de uma tomada de poder atribulada de alguém que vem de baixo, por parte de Amenemhat, e de uma transmissão de poder a Senuseret legítima.

⁶⁹ Outra passagem duvidosa que, para além de ser um final empolgante, pode ser a justificação principal deste documento: Amenemhat pede ao filho Senuseret que procure saber quem foram os seus assassinos e, porventura, exerça sobre eles a vingança.

⁷⁰ Outra frase conjectural, mas que, inclusive, pode fazer alusão à hipotética co-regência.

⁷¹ Tanto podemos estar na presença de uma cópia feita por um escriba, Ininana, sob encomenda de outros dois escribas vivos, porventura hierarquicamente superiores, Kagabuat e Hori, como podemos estar na presença de uma cópia feita por Ininana em homenagem a Kagabuat e Hori, defuntos, uma vez que, como já fizemos referência, o *ka* era um «elemento componente do ser humano que pode ser definido como a força vital e sexual do indivíduo, capaz de se manter actuante e dinâmica pela eternidade. Era um ser intangível, uma criação espiritual e psíquica feita à imagem e semelhança do corpo e possuindo todas as necessidades deste» (L. ARAÚJO, «Ka», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 469-470).

⁷² Parece haver aqui uma haplografia, isto é, um erro de cópia ou de escrita por omissão de um carácter, ou de uma palavra, que deveria constar duas vezes: o signo G. N5 ($\text{ḥ}3$) é determinativo de Peret (*prt*), o Inverno, mas também é *sw* (dia).

⁷³ Caso esta data existisse no original, sendo uma espécie de testamento político que confirmava Senuseret no poder, é natural que tenha sido feito no início do seu reinado. Se relacionarmos esta data com a data que existe na História de Sinuhe e que, aparentemente, é a data da morte de Amenemhat, ano 30, terceiro mês da Inundação, dia 7, parece haver uma certa coordenação entre elas. Salvaguardadas as questões que referimos na nota 13 da *História de Sinuhe*, pelo calendário gregoriano, a estação da Inundação, Akhet, ia de 19 de Julho a 14 de Novembro e a estação do Inverno, Peret, ia de 15 de Novembro a 14 de Março. Como cada estação tinha quatro meses de trinta dias cada, e cada mês três semanas de dez dias cada, isso quer dizer que teriam passado 73 dias (os 23 dias restantes do terceiro mês da Inundação + 30 dias do quarto mês da Inundação + os primeiros 20 dias do primeiro mês de Inverno) entre a morte de Amenemhat e a redacção deste texto, uma vez que a estação de Inverno se seguia à da Inundação, e não é admissível que num momento desta natureza tivesse passado um ciclo de mais de um ano. O momento requeria soluções imediatas. Evidentemente, depois de regressar à residência real, da qual já não estaria longe (lembramos que ele regressava de uma campanha na Líbia) e de tomar conta da situação e, obviamente, depois das cerimónias fúnebres de seu pai, para as quais o tempo deveria ter sido à justa, tendo em conta o testemunho de Heródoto (HERÓDOTO, *L'Égypte. Histoires, livre II*, pp 107-109). Sobre datação e datas cfr. a nota 104 de *Khufu e os Mágicos*, nota 10 da *História de Sinuhe* e T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências», pp. 40-41.

